



## Variações sobre temas da crítica e da história<sup>1</sup>

Variations on themes of criticism and history

Jucimara Tarricone<sup>2</sup>

**Resumo:** O propósito desse trabalho é sublinhar uma das tantas pontas de fios reflexivos sobre a obra e o pensamento de Antonio Candido. Assim, meu comentário intenta perscrutar a dinâmica de sua leitura crítica e histórica, de sua interpretação atenta ao “social” e ao “estético”. Sob este enfoque, procuro ressaltar os desdobramentos dessa leitura e os encontros e diálogos estabelecidos com outros críticos.

**Palavras-chave:** Antonio Candido; Crítica e História Literária; Literatura Brasileira.

**Abstract:** The purpose of this paper is to emphasize one of the many tips of reflective threads on the work and thinking of Antonio Candido. Thereby, my comment tries to examine the dynamics of its critical and historical reading, its interpretation attentive to the "social" and the "aesthetic." Under this approach, I try to emphasize the consequences of this reading and the meetings and dialogues established with other critics.

**Keywords:** Antonio Candido; Criticism and Literary History; Brazilian Literature.

Se como escreveu Manuel Bandeira: “O que é ser poeta senão isso: exprimir o que os outros sentiram e não souberam dizer?”, nada melhor do que lembrar, neste momento, Carlos Drummond de Andrade (1979, p.23) no poema “Esboço de figura” dedicado a Antonio Candido por ocasião dos seus 60 anos:

Antonio Candido ou  
Antonio lícido, límpido,  
Que conhece a prática a força ponderável da intuição?  
Que funda o juízo crítico no gosto,  
- o gosto que em vão se tenta anular, e permanece,  
Mesmo negado, ignorado, sal da percepção?  
Antonio que não cinge a malha de gelo do formalismo  
E, com movimentos livres e lépidos,  
Sente a pulsação culta da obra,  
Num enlace de simpatia literária?  
Antonio a vislumbrar no poema  
Para além das palavras uma conquista do inexprimível  
Que elas não contêm  
E diante da qual devem capitular?

<sup>1</sup> O presente artigo é, com ligeiras modificações, a comunicação lida no Simpósio Antonio Candido e a Literatura Brasileira - Homenagem a Antonio Candido - ocorrido no Memorial da América Latina, em 28 de setembro de 2017, em evento promovido pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL).

<sup>2</sup> Pós-doutora na área de Teoria e História Literária pela UNICAMP; Doutora em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É autora de *Hermenêutica e crítica: o pensamento e obra de Benedito Nunes*. São Paulo/Pará: FAPESP-EDUSP/ EDUFPA, 2011 - finalista do Prêmio Jabuti 2012.

Antonio atento às áreas de silêncio entre as palavras,  
 Nelas distinguindo a misteriosa ressonância  
 Do inexprimível afinal expressado,  
 Fora do poema, pelo seu rastro?  
 Antonio a perceber no leitor consciente  
 Um vaso novo, em que os cantos do poeta irão combinar-se  
 De um modo especial e quase único?  
 (...)

Nesses versos de Drummond, elaborados com a delicadeza de quem constrói mais um “Cantar de amigos”, Antonio Candido transparece, aparece espelhado: no dizer de Drummond, são as “Inquietudes” de Candido que comparecem como de um “ponto de vista estético, em face da sua matéria”; na “integridade do seu ser”; na sua “ligação com o mundo”; na “legitimidade da sua criação” crítica<sup>3</sup>.

Por outro lado, Candido, como é do conhecimento de todos, era avesso a quaisquer elogios e homenagens e, no entanto, ao longo da sua trajetória como professor, crítico, ensaísta, militante político recebeu diversas, diferentes e merecidas efemérides que só ratificaram sua acuidade e referência a gerações de intelectuais. Conta Décio de Almeida Prado (1998, p.9) quando da ocasião em que Candido se recusou a ir a um congresso sobre ele: “ele não queria ir, não queria estar presente perante os elogios que naturalmente lhe seriam feitos. Mas também seria deselegante não comparecer. Acabou indo. Antes de começar. Falou durante uns 15 minutos, agradeceu e foi embora. Não assistiu a nada”, narra, rindo.

Essa descrição – traço marcadamente pessoal – o fazia afirmar que ser professor era a sua maior vocação; ele costumava atenuar seu trabalho como crítico, embora muitas de suas análises, seus ensaios, construídos a partir da década de 1940 – da revista *Clima* (1941-1942) aos chamados rodapés da *Folha da Manhã* (1943-1945) e *Diário de S. Paulo* (1945-1947) – atestam uma reflexão ímpar, rigorosa, no sentido pleno da palavra, de caráter eminentemente político, mas “político no modo pouco usual, construtivo”, como ressalta Roberto Schwarz na Homenagem a Candido, por ocasião da sua morte, que a Universidade de São Paulo promoveu em 26 de maio de 2017.

Como, então, destacar sua importância ante a tantas pontas de fios reflexivos sobre sua obra e seu pensamento? Como tecer, sem deixar leve e solta, a textura modelar de sua leitura crítica e histórica, de sua interpretação atenta ao “social” e ao “estético”? Diante disto, meu propósito será o de sublinhar, ainda que de modo horizontal, em razão desse espaço, os desdobramentos da sua analítica e os encontros e diálogos estabelecidos com outros críticos cuja formação Candido foi o responsável de modo direto ou indireto. Dentre esses, entretanto, destacarei, de modo especial, João Alexandre Barbosa, por apresentar um vínculo mais estreito, e Benedito Nunes, por aportes menos explícitos.

Antes, é preciso corroborar Silviano Santiago (1998, p.8) que, em texto para a *Folha de S. Paulo*, utiliza-se de um paradoxo para definir Candido: “um intelectual múltiplo de uma maneira bastante singular”. Por isso, “qualquer análise duma atividade

<sup>3</sup> Jogo de palavras com base no texto *Inquietudes na poesia de Drummond*, de Antonio Candido. In: *Vários escritos*. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.95.

intelectual de Candido “per se” é obrigatoriamente injusta”; isto é, não dá conta de sua importância.

Dessa perspectiva, inicio meus comentários ao colocar, em evidência, o quanto os textos de apresentações de Candido, desde as chamadas “Notas de Crítica Literária”, nas colunas da *Folha da Manhã* e do *Diário de S. Paulo*, já apontavam para um constante questionamento do próprio exercício crítico ou, como ele denominava, uma “crítica funcional”, numa recusa a definir métodos ou teorias da sua prática. Como a ratificar esta fala, recorro a uma passagem pequena, mais exemplar e atual, da *Formação da literatura Brasileira* (1981, p.15)

Esse interesse pelo método talvez seja um sintoma de estarmos, no Brasil, preferindo falar sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos, a fazer efetivamente crítica, revolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que as rodeiam.

Porém, como alerta Vinícius Dantas, em *Textos de intervenção* (2002, p.16), a respeito da analítica de Candido, seria “ingênuo supor” que este “fosse avesso a uma teoria ou não possuísse uma”; é que Antonio Candido “cuidava para que a posição e o jargão especialista não prevalecessem sobre o escritor que ele sempre foi”.

Para Candido, interessava recuperar a realidade viva que o texto promove; realidade esta, como bem afirmou Davi Arrigucci Jr. no ensaio “Movimento de um leitor” (1992, p.181) sobre o próprio Candido, que não excluía as impressões do juízo analítico e os detalhes composicionais da obra na totalidade de seu mundo.

No prefácio do livro *O discurso e a cidade* (2004, p.9-10), isso fica mais bem explicitado:

De fato, uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre *social* e *estético*, ou entre *psicológico* e *estético*, mediante um esforço mais fundo de compreensão do processo que gera a singularidade do texto.

A essa tendência em ultrapassar qualquer aplicação de método já o faz um crítico mediador na correspondência de um conhecimento histórico da obra que se associa à estética e a de uma estética que se associa à história, de tal forma que nessa identificação fique “a dimensão social como fator de arte”.

Todavia, ao longo do desenvolvimento da crítica literária, a vertente da *estética*, do *social* e do *histórico* tem suscitado impasses e polêmicas que, por ora, nesse momento, não nos cabe, aqui, trazer em discussão.

De qualquer modo, é importante ressaltar como se localiza a práxis de interpretação de Candido dentro da nossa Historiografia crítico-literária. Embora a importância da sua analítica – e isto deve ficar claro – ultrapasse contornos e definições, a sua noção de crítica encontra afinidade com as propostas de João Alexandre Barbosa (1937-2006), em especial, no texto “Forma e História na crítica brasileira – de 1870-1950”, constante no livro *A leitura do intervalo* (1990), mas originalmente apresentado, em 1986, na 2ª Bienal Nestlé de Literatura, com o título “Algumas reflexões sobre a crítica brasileira contemporânea”.

Essa aproximação dos dois críticos, que ora apresento de maneira sucinta, tem origem em pelo menos um traço que os caracterizam: a alentada visão da crítica como aquela que fomenta questões. Dessa forma, mais do que respondê-las, o ensaísta deve tentar compreender o texto para, na experiência de sua leitura, compreender a si mesmo.

João Alexandre Barbosa deixou uma vasta obra em que se sobressaem estudos acerca de José Veríssimo, João Cabral de Melo Neto e Paul Valéry.

Sucedeu Candido na cadeira de Teoria Literária, na USP; foi presidente da EDUSP (a Editora da Universidade de São Paulo); atuou como crítico em jornais e revistas especializadas, entre elas a *Cult*, e desenvolveu o conceito, entre outros, de *leitura do intervalo*, ao qual irei me referir mais adiante.

Antonio Candido conheceu João Alexandre Barbosa no II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, em 1961, ocorrido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (hoje UNESP); faculdade esta em que Candido lecionou Literatura de 1958 a 1960 antes de se tornar professor colaborador de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Barbosa apresentava, nesse Congresso, uma comunicação intitulada *História da literatura e literatura brasileira*, uma leitura crítica do livro *A Formação da Literatura Brasileira*, de Candido. Durante o evento, eles se conheceram e passaram a trocar correspondências. Barbosa era professor da Universidade do Recife (atual Federal) na década de 1960 e resolveu propor à Universidade um curso de Teoria Literária. Para preparar a disciplina, escreveu para Candido e este lhe enviou o programa comentado, já que havia criado, com as colaborações de Roberto Schwarz e de Walnice Nogueira Galvão, a cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP; um curso inédito e atual para o Brasil da época.

Também nesse Congresso, Benedito Nunes (1929-2011) – crítico paraense que tem como campo de sua instrumentação crítica o diálogo entre filosofia e literatura – estabeleceu amizade com Antonio Candido que se solidificou em diversas ocasiões. Em 1959, a convite de Décio de Almeida Prado, Nunes passou a escrever no “Suplemento literário” do *Estado de S. Paulo*, no qual Candido foi o responsável pela criação e pelo projeto. Em virtude dessa colaboração, Candido, então também coordenador da Coleção Buriti, da Editora Nacional, junto com Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, antigos expoentes da *Revista Clima* (1941-44), solicitou a Nunes contribuir com esta coletânea, o que resultou nos livros *Introdução à filosofia da arte* e *A filosofia contemporânea*, ambos de 1967. Já na década de 1970, Nunes lecionou, pela primeira vez, por um período no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas) a convite de Candido.

No texto “Forma e História na crítica brasileira – de 1870-1950”, Barbosa tratou das relações de tensão entre análise formal e interpretação histórica, que, segundo defendeu, tornam capazes de recuperar os momentos da evolução da crítica literária brasileira, sem deixar de lembrar os fundamentos históricos, e sem deixar de assinalar a continuação de uma problemática qualquer que consegue atingir a contemporaneidade. Buscar a historicidade, contudo, é preocupar-se menos com a história no texto, do que com o “modo pelo qual foi possível estabelecer as condições para a internalização da história no texto”. (BARBOSA, 1996, p.175)

Essa questão atinge diretamente Candido em contraponto a Afrânio Coutinho como autores que refletiram as relações entre Crítica e História e deixaram obras paradigmáticas nesse sentido.

Afrânio Coutinho, vinculado à tradição do *New Criticism*, destacou-se por ter tido uma preocupação metodológica baseada em critérios estético-estilísticos, análoga à ciência como atividade intelectual e reflexiva, conhecida como uma Nova Crítica. [Por exemplo, *Correntes cruzadas* e *Por uma Crítica Estética* (1953); *Da Crítica e da Nova Crítica* (1957)]<sup>4</sup>.

Já a contribuição de Antonio Candido, como destacado várias vezes neste artigo, foi além de uma aplicação do método sociológico, na medida em que parte de uma interpretação em que os elementos histórico-sociais são internalizados pela obra literária, reorganizados em sua natureza ficcional, conforme suas próprias leis estéticas.

Para voltar ao livro de Barbosa. O roteiro crítico que estabeleceu é composto por três etapas que se articulam: a herança, a ruptura e a releitura. A herança é referente às obras críticas que prepararam caminho para uma renovação dos estudos linguísticos, bem como repensaram a ideia de estilo e sua inclusão em um contexto histórico-social mais extenso e dinâmico. Nesse momento, Barbosa comentou a crítica como interpretação próxima à de uma leitura histórica da qual Sílvio Romero foi o grande representante e, para dizer como Candido, no prefácio da 2ª edição de sua tese de livre-docente *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero* (1945), “como crítico, foi mais um historiador da cultura e sociólogo (...), como convinha aos padrões ‘cientificistas’ do seu tempo, que reduziam a obra literária ao estudo dos fatores externos”. (1988, p.12)

As fases da ruptura e da releitura são próximas à leitura que Candido e Benedito Nunes fizeram na década de 1940 em diante. Para ambos, a literatura produzida a partir dos anos 40 – uma prosa como a de Clarice Lispector ou de Guimarães Rosa – demandava uma linguagem crítica mais refinada, para que pudesse acompanhar as inovações do código literário. A ruptura, portanto, foi correspondente à própria evolução constatada na criação de uma literatura. Nos anos 50 até por volta de 70 a crítica tinha seu auge no jornalismo literário, grande era o número de periódicos que o veiculava.

Comentou Candido, em entrevista à Revista *Cult* (2010), quanto o crítico “corria” riscos ao escrever todas as semanas sobre livros do dia feitos

por autores desconhecidos, a respeito dos quais não se tem a menor referência (..) O jornalismo crítico é uma grande escola e, de certo modo, um teste importante, requerendo intuição certa, rapidez de apreensão, capacidade de decidir e clareza de escrita. O jornalismo crítico de tipo francês foi a nossa grande escola, a de José Veríssimo, Alceu Amoroso Lima, Sérgio Milliet, Plínio Barreto, Álvaro Lins etc. Não pretendo me equiparar a eles, mas reconheço em mim um pouco dos requisitos mencionados, que me permitiram, por exemplo, reconhecer imediatamente o valor de três estreantes desconhecidos: João Cabral, Clarice Lispector, Guimarães Rosa. Cometi erros paralelos, dando importância a autores que não a tinham, supervalorizando livros fracos de autores famosos; mas não me lembro de

---

<sup>4</sup> Cf. NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena. Rumos da crítica. São Paulo: Editora Senac/Itaú Cultural, 2000, p. 64-5.

nenhum erro calamitoso, isto é, considerar de primeira plana quem não era ou desqualificar alguém de alto nível. Mas talvez a memória esteja manobrando a meu favor...

Tanto para Antonio Candido, Benedito Nunes quanto para João Alexandre Barbosa, a crítica foi concebida como leitura em ação, tensão entre a escrita dos escritores e a leitura dos críticos, em um movimento perpétuo cujo interpretar é um exercício do avançar, do recuar, do desviar para recompor o curso do texto à história, sem perder a tensão que os articula.

Pode-se, dessa forma, dizer que a linguagem crítica de Candido e de Nunes apresenta semelhante trama com a definição que João Alexandre Barbosa (1990) concebeu da crítica como releitura: aquela em que o crítico não se pauta por tentar decifrar ou explicar o sentido do texto, mas, sim, por expor o objeto literário como uma perspectiva de um questionar do próprio homem e do seu mundo simbólico. O trabalho do crítico-leitor, assim, ocorre por aproximações e possibilidades, pelo deixar-se provocar pelo que leu e pelo mergulho nas incertezas da literatura.

Da mesma forma, Antonio Candido e Benedito Nunes compartilharam também da metáfora crítica criada por Barbosa (1990, p.26): a leitura como *intervalo*. Isto porque, no conceito de dimensão intervalar da literatura, ressalta-se que

na literatura lê-se sempre mais do que a literatura, embora deva-se dizer bem depressa que só é mais do que literatura porque a intensidade com que se trabalha os valores da linguagem, isto é, o que é próprio da literatura, leva à problematização radical dos demais valores – filosóficos, psicológicos, sociais, históricos – veiculados pela literatura.

Cabe assinalar que intervalo não é um vazio, mas o momento mesmo em que a leitura ressalta os significantes textuais de tal modo que há uma integração com os significados. Em outras palavras: os aspectos sociais, históricos, filosóficos, psicológicos são vistos como integrantes literários e não como elementos externos ao texto.

Entretanto, para que isto ocorra, é necessário que a prática analítica seja aportada em uma consciência da linguagem literária, sem a qual o crítico dificilmente discorre, reinventa e redescobre os textos.

Sob este prisma, tanto o percurso crítico de Antonio Candido, de João Alexandre Barbosa, quanto o de Benedito Nunes se assentaram na experiência de escrita ensaística. Isto porque, no ensaio, o texto se constrói como escrita de horizonte, de natureza transitória, sem uma construção dedutiva ou indutiva.

Os ensaios de Candido sempre foram seminais, ponto de partida para qualquer crítico atento a seu ofício. Quando Benedito Nunes criou o ensaio “Aceitação da noite” – do livro *Crivo de papel* (1998) – para comentar o humor drummondiano, partiu do texto de Antonio Candido “Inquietudes na poesia de Drummond” – de *Vários escritos* (1977). Ora, como Leyla Perrone-Moisés (1998) já apontara, depois de Candido não tem como escrever sobre Drummond; o mesmo Drummond do qual me utilizei de um poema para iniciar este texto e do qual também termino ao citar seus versos certos na homenagem a Antonio Candido:

(...)

Arguto, sutil Antonio  
 A captar nos livros  
 A inteligência e o sentimento das aventuras do espírito,  
 Ao mesmo tempo em que, no dia brasileiro,  
 Desdenha provar os frutos da árvore da opressão (...)

## Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Esboço de figura. In: Vários autores. **Esboço de figura** – Homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Movimentos de um leitor. In: M. A. D'INCAO & E. F. SCARABÓTOLO (orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- BARBOSA, João Alexandre. Forma e história da crítica brasileira de 1870-1950. In: **A leitura do intervalo**. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: Revista Cult, 2010. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/vocacao-critica-de-antonio-candido/>> Acesso em 28 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2004.
- \_\_\_\_\_. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: EDUSP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira**. Vol. 1 6ª Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.
- DANTAS, Vinicius. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- NUNES, Benedito. Aceitação da noite. In: **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. O amor à literatura. In: **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1998, p.5.
- PRADO, Décio de Almeida. O melhor amigo. In: **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1998, p.9.
- SANTIAGO, Silviano. Trajetória intelectual de um múltiplo singular. In: **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1998, p.8.